



QUANDO O ASSUNTO É SEXO, O QUE AS MENINAS QUEREM SABER? QUEM PODE RESPONDER?

Benícia Oliveira da Silva¹
Paula Regina Costa Ribeiro²

... a partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade. (FOUCAUL, 2007, p. 19).

Em História da sexualidade 1: a vontade de saber, Foucault nos convida a pensar na sexualidade como um dispositivo³ histórico, inventado socio-historicamente a partir de múltiplos discursos que regulam, normatizam e produzem verdades e saberes, instituindo modos dos sujeitos viverem suas sexualidades.

A partir do século XIX, se desenvolveu uma *scientia sexualis* para melhor controlar o corpo e o sexo dos homens e mulheres, em que a confissão é central na produção de saberes sobre o sexo. E hoje, dois séculos depois, a temática sexo transita e é confessada nas mais diversas instâncias e espaços. Neste trabalho, analiso como a sexualidade é colocada em discurso por especialistas numa instância midiática, na qual, os discursos a cerca da sexualidade são disseminados e confessados, conduzindo a produção e divulgação de significados acerca deste tema, tendo a mídia um papel pedagógico cultural importante, posto que esta visibiliza um assunto tido muitas vezes como tabu.

O presente artigo faz parte da minha pesquisa de mestrado, em que tenho como *corpus* de análise a seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*, na qual busco analisar os discursos presentes nesta seção e investigar como os discursos deste artefato interpelam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades.

Esse trabalho está fundamentado nos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, campo de teorização que centra suas análises em dimensões culturais existentes nas práticas sociais, entendendo-as como produtoras de significados. Nessa perspectiva teórica, entendem-se como

¹ Mestranda no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: benicia_silva@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências Biológicas: Bioquímica. Professora do Instituto de Educação e do PPG Educação em Ciências e Educação Ambiental da FURG. Coordenadora do PPG Educação em Ciências da FURG. E-mail: pribeiro@vetorial.net.

³ Entende-se por dispositivo “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.” (FOUCAULT, 2008, p. 244).



educativas todas as práticas, produtos e espaços culturais que produzem representações/significados que nos constituem e nos regulam. Para Silva (2009, p. 139), “Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa.”

A partir desta perspectiva venho entendendo não apenas a sexualidade, mas também a adolescência como uma construção cultural produzida por diversos significados e representações de vários campos científicos, como o da medicina, o da biologia e o da psiquiatria e, também, por instâncias como a mídia, a igreja, a escola. Essas instituições e campos de saber têm conferido um papel hegemônico na determinação dos significados vinculados às sexualidades na sociedade. Nesse sentido, Louro (2007, p. 25) destaca:

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas e contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente.

A mídia, assim como outras instâncias, tem desempenhado um papel pedagógico cultural, atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca da sexualidade adolescente abordando essas temáticas como problemas de saúde sexual e reprodutiva, tratadas através dos discursos médico e biológico sobre o funcionamento do corpo e das doenças para prescrever um auto cuidado, e através dele, controlar o corpo e a sexualidade, funcionando assim, como estratégias⁴ de controle comportamental dos indivíduos – “use camisinha”, “não transe”, “cuide de seu corpo”, “conheça os métodos anticoncepcionais”, “AIDS mata”... Para Ribeiro (2002, p. 75),

nessa discursividade, a sexualidade tem ficado ligada à aquisição de conhecimentos científicos (categorias e descrições) dos sistemas reprodutores e a genitalidade – atributo biológico compartilhado por todos, independente de sua história e cultura. Assim, os discursos científicos engendram a sexualidade como um atributo de natureza biológica, vinculada às características anatômicas, internas e externas, dos corpos, fixando nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres.

Revista *CAPRICH*O

A revista *CAPRICH*O foi criada em 1952, e sua história é marcada por muitas mudanças. Em seu início, as páginas da revista eram preenchidas por fotonovelas e histórias de amor em quadrinhos. Ainda no ano de sua criação, a revista mudou seu formato e passou a publicar matérias voltadas aos temas de moda, comportamento, beleza e outros.

⁴ Utilizo estratégia num sentido foucaultiano, como um mecanismo de poder que têm como finalidade o controle da ação dos outros (FOUCAULT, 1995).



O público alvo da revista nem sempre foi leitoras adolescentes, este foco começa a surgir em 1985, quando a revista adotou o slogan “A Revista da Gatinha”. Desde então, embora tenham ocorrido mudanças gráficas, no formato e na faixa etária do público alvo, em seu histórico⁵ a revista deixa claro que seu conteúdo é feito para leitoras adolescentes do sexo feminino.

O sucesso da revista *CAPRICHÔ* é inegável e sua perpetuação responde a qualquer dúvida em relação a sua popularidade. Segundo dados da própria, a revista *CAPRICHÔ*

é a maior marca teen do país! É uma das únicas marcas teen, do mundo, a assinar revista, site, eventos e produtos variados com liderança absoluta em cada uma dessas plataformas. São 200 mil revistas por mês (com crescimento de 41% na circulação em 2008), 20 mil meninas em seus eventos de moda e música, quase 8 milhões de produtos licenciados vendidos no ano (underware, maquiagem, perfume, agenda etc.) e a maior audiência e time spent entre sites para jovens meninas. (*Site CAPRICHÔ*).

Nesse contexto, a revista *CAPRICHÔ* é uma das peças da engrenagem que movimentam as mudanças culturais há mais de cinco décadas.

Atualmente, vivemos num processo contínuo de “boons” culturais, em que é possível identificarmos a evolução⁶ e expansão de múltiplas formas de produção e circulação cultural. As instituições tidas como tradicionais, como a escola, a família, a igreja, estão dividindo ou disputando espaço com outras instâncias que vêm a contribuir nos processos de subjetivação dos sujeitos.

Nesse processo, a mídia vem assumindo um papel relevante, junto às demais formas de dinamização e expansão da cultura. [...] o que temos agora, através da mídia e das novas tecnologias, é um processo globalizante onde nossos mundos se interconectam [...]. (FABRIS, 2004, p. 257-258).

Importante ressaltar que esta pesquisa não tem como pretensão diagnosticar a seção *Sexo* como boa ou ruim e se ela deve ou não ser lida pelas adolescentes. Pretende sim, analisar as formas como a sexualidade vem sendo (re)produzida neste artefato e ao fazer isso, reconheço que ao abordar questões acerca desta temática a revista *CAPRICHÔ* possibilita outras formas de pensá-la. À vista disso, identificar, divulgar, problematizar diferenças, sejam quais forem as categorias, é possibilitar conhecer e respeitar o diferente, rompendo hegemonias e aproximando diversidades.

O uso da revista *CAPRICHÔ* como artefato cultural, em minha pesquisa, tem como principal justificativa esta constituir-se como uma pedagogia cultural, que produz e divulga significados acerca da sexualidade adolescente feminina, ensinado às leitoras modos de viverem suas sexualidades.

Durante a adolescência há a necessidade de pertencer a determinados grupos, fato que torna estes sujeitos como principais alvos da publicidade, que através da mídia torna tudo o que é tipo de

⁵ <http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml>

⁶ Faço uso da palavra evolução como sinônimo de mudança e não, necessariamente, implicando progresso.



produto essencial, incitando o consumo destes “como forma de pertencimento e identificação entre os membros de determinados grupos sociais.”. (QUADRADO, 2006, p. 33).

A seção Sexo

A escolha pela revista *CAPRICHÔ* se deu devido a esta ter sido a primeira revista feminina do Brasil⁷ e também por ela ter sido a primeira⁸ revista, voltada ao público adolescente, em que identificamos uma seção intitulada “Sexo”.

A seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ* se caracteriza por ser produzida com a participação das leitoras no *site* da revista (<http://capricho.com.br>). Acessando o *site*, as adolescentes podem se inscrever e participar com seus comentários ou opinar em enquetes sobre questões acerca da temática que intitula a seção.

Assim como a revista, a seção *Sexo* é publicada quinzenalmente. Sendo assim, a cada edição a coluna apresenta um assunto diferente relacionado à temática sexualidade.

A inscrição para participar da coluna é feita a partir do preenchimento de um questionário em que estão presentes perguntas como: Data de nascimento. Você já transou? Qual a sua maior dúvida relacionada ao sexo? Por que você gostaria de participar da seção? Após preencher o questionário, o mesmo será analisado pela *CAPRICHÔ* e caso a menina seja escolhida, alguém da revista entrará em contato.

Encontrar o questionário no *site* da revista evidencia o fato de que existe um certo padrão a ser seguido, isto é, não é qualquer menina que pode participar das discussões. É necessário que as respostas das meninas correspondam ao perfil de adolescente idealizado e criado pela revista. É preciso que as adolescentes selecionadas para participarem deste bate-papo interajam nas discussões correspondendo exatamente da forma que a editora precisa, tornando a seção o mais atraente possível.

As discussões realizadas com as adolescentes e as editoras são “fechadas”, isto é, não são apresentadas no *site*, correspondendo que a editora cumpre seu papel, posto que este conteúdo deve ficar apenas sob seu domínio e ela “monta” um bate-papo que “rolou” e publica na revista da forma mais sedutora.

⁷ Esta e as demais informações a respeito da revista *CAPRICHÔ* foram retiradas do *site* da revista, disponível em <http://capricho.abril.com.br/>.

⁸ Hoje já sabemos que na revista *ATREVIDA* também existe uma seção com o mesmo nome, porém a dinâmica com o público é diferente.



A análise da seção teve início em agosto de 2008 e foi realizada até agosto de 2009. Neste período, os seguintes aspectos foram considerados para a pesquisa: temas das discussões, as enquetes e as dicas e comentários que complementam a coluna e seus respectivos autores. Porém, neste artigo, teremos como foco de discussão as temáticas abordadas e a autoria das dicas e comentários que preenchem a seção, em suma, o que as meninas querem saber e quem pode responder.

Em vista do que nos propomos a analisar neste trabalho, observamos nas seções analisadas que os temas abordados são referentes a anseios, situações de constrangimento, camisinha, anticoncepcional e outros relacionados, quase que em sua totalidade, aos momentos antes, durante e depois de transar. Além de que os saberes e conhecimentos acerca da temática sexualidade são/estão atribuídos às ciências e às vozes as quais foram conferidas a autoridade e a capacidade de falar a respeito de tal assunto, neste caso, psicólogos/as, professores de psicologia, sexólogos, terapeutas, terapeutas sexuais, educadoras sexuais e ginecologistas.

Neste contexto nos remetemos ao nosso problema de pesquisa: de que formas a sexualidade vem sendo produzida na seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ* a partir de discursos biológicos e prescritivos sobre como viver a sexualidade?

Esta questão nos sucede a outras inquietações: será que as temáticas abordadas na seção realmente representam as dúvidas das adolescentes? Por que para falar sobre sexualidade são convocados certos profissionais?

Então, algumas análises

Ao admitirmos que por trás de todo saber e conhecimento há relações de poder - ressaltando que estamos falando de um poder num sentido foucaultiano, o que implica em considerar as ações de poder não como negativas, mas como positivas, visto que estão produzindo efeitos – percebemos o quanto algumas técnicas são importantes não apenas para a produção de discursos e de verdade, mas também no quanto estas interpelam os sujeitos na formação de suas subjetividades.

A disseminação dos discursos acerca da sexualidade – a partir das proposições de Foucault -, mais propriamente do sexo, se deu nos séculos XVIII e XIX. Desde então esta temática vem sendo abordada tendo como respaldo diferentes campos do saber. Se valer de discursos cientificistas para falar em sexualidade propicia uma produção de verdades consistentes e valorizadas, a partir das quais os indivíduos passam a construir as verdades sobre si mesmos.

A *CAPRICHÔ* se define como



a revista que entende e respeita as idéias e valores da adolescente. [...] Na revista, ela encontra matérias sobre a intimidade dos famosos, comportamento, moda, relacionamentos e outras informações importantes como: programação de shows, eventos e um guia de compras com preços e endereços [...] A *CAPRICO* tem como objetivo de mercado continuar sendo a melhor revista para adolescentes. **Sua missão é** informar, entreter, formar e **conectar a maior comunidade de garotas** com estilo e atitude do país. (Site Capricho⁹, 2009, grifo meu).

Ao exercer mecanismos de poder que incidem sobre a sexualidade adolescente feminina, este artefato exerce um poder disciplinar sobre cada leitora e, ao disciplinar cada leitora¹⁰ individualmente, a revista vai cumprindo sua missão de “conectar a maior comunidade de garotas”, exercendo desta forma a tecnologia regulamentadora – o biopoder, instituindo padrões e ensinando às leitoras uma “certa forma” de viverem suas sexualidades e adolescências.

[...] a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente [...] por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação. (FOUCAULT, 2005, p. 300).

Porém, para que uma adolescente sinta-se leitora da revista e representada em suas páginas, ela deve se encaixar no perfil adolescente traçado por esta. Nesse sentido, a menina busca seguir os padrões estipulados da revista, adotando um certo modo de ser e estar na sociedade. Assim, ao identificar-se nas páginas da revista, a adolescente pode considerar-se parte do grupo ao qual a revista é destinada.

Nesse sentido, percebemos a revista *CAPRICO* como um instrumento de normalização¹¹, pois, ainda que interpele individualmente as adolescentes leitoras, suas intenções e efeitos são massivos.

As dicas e comentários são como um complemento à seção. Após debater “abertamente” sobre a temática em pauta, ao final da seção é apresentado o posicionamento de um profissional a respeito do assunto discutido. Neste espaço, os especialistas prescrevem o que as adolescentes devem sentir e como devem agir em determinadas situações, encaminham a outros profissionais, dão orientações e ensinam modos de prevenção.

“Na medida: é bom pensar em sexo! [...] ‘Mas esse pensamento não pode atrapalhar a vida da menina. Ou seja, ela **tem que conseguir estudar** e fazer outras coisas’, afirma G.L., psicóloga do Instituto Paulista de Sexologia. Se pensar no assunto está empatando a sua vida, **é hora de falar com um psicólogo**. Agora, **jamais**

⁹ <http://capricho.abril.com.br/>.

¹⁰ A tabela geral de circulação no site http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php aponta um total de 133.853 revistas entre assinaturas e avulsas (média por edição segundo o Instituto Verificador de Circulação - IVC / dezembro de 2008).

¹¹ Segundo Foucault, “A norma é tanto o que se pode aplicar a um corpo que se quer disciplinar, quanto a uma população que se quer regulamentar. [...] A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruza, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação”. (2005, p. 302).



pensar em sexo não é legal. [...] É importante encontrar o equilíbrio!”. (Título da seção – Eu só penso naquilo: o que fazer quando o sexo não sai da sua cabeça? Edição nº 1069. 26 de abril de 2009, grifos meus).

“Quando fica sério: é normal ter medo de encarar a primeira vez [...] Até quem não é mais virgem **e tem um namorado fofo** pode perder o desejo às vésperas do vestibular, por exemplo. Afinal, sua cabeça está em outra. Agora, **estranho mesmo é não ter vontade de beijá-lo nem sentir um frio na barriga quando ele te dá uns amassos.** [...] Caso não consiga entender o que está rolando, **bata um papo com um psicoterapeuta.**”. (Dica escrita por uma educadora sexual. Título da seção – Acho que não quero, e agora? Não ter vontade de fazer sexo é algo que pode acontecer com qualquer menina. Edição nº 1074. 5 de julho de 2009, grifos meus).

É significativo pensar nas posições em que esses profissionais autorizados a falar de sexualidade e a própria mídia assumem nessa rede discursiva, pois embora a revista se sinta apta a falar deste tema, há a necessidade de dar voz a um especialista de modo a legitimar a revista através de discursos científicos e biologicistas. Desta forma, parece ter se criado uma cumplicidade entre editoras¹² e especialistas, promovendo um espaço onde pode se falar de tudo, pois se tem a segurança da presença de um profissional, tornando a seção *Sexo* confiável.

Nesta seção quando aparecem discursos acerca dos cuidados preventivos contra gravidez não planejada, Aids e outras DST.

“Cuidado! A pílula do dia seguinte só deve ser usada quando a camisinha estourar ou quando você esqueceu de tomar a pílula tradicional por dois dias seguidos. O medicamento só funciona se for ingerido até cinco dias após a transa. O uso excessivo da pílula do dia seguinte desregula o ciclo menstrual e pode provocar dores no estômago e na cabeça. E, além de não evitar totalmente a gravidez, não protege contra DSTs. Por isso, camisinha sempre!”. (Dica escrita por um professor do laboratório de violência doméstica da Unicamp. Título da seção – Pílula do dia seguinte. Fique esperta: ela não é 100% eficiente. Edição nº 1055. 12 de outubro de 2008).

Estas práticas de prevenção atribuídas às ciências, tendo suas veracidades comprovadas por vozes instituídas como autorizadas e capacitadas, instalam mecanismos de preservação à vida, o que possibilita o biopoder operar a partir da regulamentação da sexualidade das leitoras exercendo o “poder de fazer viver” (ibidem, p. 294).

Assim, na seção *Sexo*, os significados divulgados acerca da temática sexualidade operam no sentido de auxiliar as meninas adolescentes a compreenderem suas experiências, produzindo entendimentos a partir dos quais, ao se identificarem, suas identidades vão sendo demarcadas.

Entendendo esse suporte - a revista -, portanto, como um dispositivo de constituição de identidades, porque ela serve à recriação de uma identidade que caracteriza uma experiência de alteridade para os leitores. Por meio da relação do leitor com um outro, ele vive a experiência da contemporaneidade, inscrevendo-se num campo de saberes e códigos preestabelecidos que o atravessam e constituem sua percepção da “realidade”. (MILANEZ, 2004, p. 185).

Em A ordem do discurso, Foucault diz que em nossa sociedade existem procedimentos de exclusão que atingem o discurso – nem tudo pode ser dito e o que ameaça a ordem é proibido. Neste contexto, aqui neste artefato podemos ver atuar um dos procedimentos de exclusão, o “direito

¹² Todas as edições analisadas foram editadas por mulheres.



privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” – qualquer um não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 2009, p. 9). Nessa configuração é possível ver o poder sendo exercido no limiar do discurso.

“É uma boa? Filmes eróticos que mostram que, para transar, é preciso de envolvimento e **afeto** são boas referências para uma garota, ainda mais se ela é virgem. Agora, os pornôes tratam o sexo de um jeito banal. **‘Esses filmes não são reais. Neles, o sexo é sempre associado ao prazer, e a primeira vez de uma garota não costuma ser assim’**, afirma M.P., psicóloga da Unifesp. Depois que a menina já transou, os pornôes assustaram menos. Até lá, fique com o **romance!**”. (Título da seção – Filmes picantes! Assistir a cenas de sexo pode ser bem divertido. Edição nº 1057. 9 de novembro de 2008, grifos meus).

“Hora certa: falar sobre sexo com um menino não é fácil [...], explica C.F., professor de psicologia [...] Perguntar para as amigas como elas lidam com a questão só ajuda também. **‘É sempre muito bom saber que todo mundo passa pelo mesmo problema’**.”. (Título da seção – papo delicado: tem menina que conversa sobre sexo com o garoto numa boa. Já outras... Edição nº 1062. 18 de janeiro de 2009, grifos meus).

Nos recortes acima assinados por profissionais da área da psicologia, observa-se que o sexo, principalmente para uma menina virgem, deve estar associado ao afeto e romance. E também a uma generalização em relação às situações que as meninas se deparam durante a adolescência, como se toda adolescente fosse igual.

“Falar é bom: ter uma amiga para qual você possa contar **detalhes da sua vida sexual** é muito importante [...], afirma P.R., sexólogo [...] **A escolha do seu confidente deve ser feita com cuidado**. Afinal, é para ele que você vai contar detalhes...”. (Título da seção – Conto ou não conto? A melhor amiga pode ser sua melhor confidente para falar de pegação. Edição nº 1058. 23 de novembro de 2008, grifos meus).

“Se ainda não chegou lá: [...] O prazer durante a transa não é algo que simplesmente acontece. Ele precisa ser conquistado. Como? Com prática! [...] Quanto mais relaxa estiver, mais fácil chegará ao orgasmo.”. (Título da seção – Então... É isso?! Para muitas meninas, **a sensação de ter um orgasmo ainda é um mistério**. Edição nº 1072. 7 de junho de 2009, grifos meus).

Nos excertos citados pode-se perceber o quanto ainda há uma preocupação com a intimidade sexual ser algo velado e considerado como algo a ser desvendado, misterioso.

“Tire suas dúvidas sobre masturbação: [...] a masturbação maracá o início da vida sexual e é um hábito saudável que ajuda a garota a se conhecer melhor. [...] a vaginal, quando há introdução do dedo ou de um objeto na vagina, e a clitoriana, quando se estimula o clitóris. [...] Tira a virgindade? É raro, mas pode rolar... o hímen pode romper. [...] Essa é a forma mais fácil de aprender como sentir prazer com o sexo.”. (Dica escrita por uma ginecologista e terapeuta sexual. Título da seção – Só pro seu prazer... O que você sabe sobre masturbação? Edição nº 1075. 19 de julho de 2009).

A partir dos excertos apresentados, é interessante pensarmos nas posições que os profissionais que assinam as dicas e comentários assumem enquanto sujeitos. Quando os temas estão relacionados a comportamento, relações e propriamente falar sobre sexo, as vozes chamadas a falar sobre esse assunto são principalmente os/as psicólogos/as e terapeutas. Para comentar sobre prazer e intimidade, são os sexólogos que são chamados. E para falar sobre o corpo e prazer sexual, a autoridade é dada às ginecologistas.



Assim, fazer uso das ferramentas conceituais desenvolvidas por Foucault, bem como perceber alguns dispositivos atuando em meu *corpus* de análise, tem sido de fundamental importância para que seja possível identificar, nos discursos da seção *Sexo*, onde estão e como se dão as relações de poder e o quanto estas relações nos constituem como sujeitos e determinam nossas sexualidades.

Ao se constituir como uma pedagogia cultural, a revista *CAPRICHÔ* produz e divulga discursos acerca das sexualidades adolescentes feminina, atuando como um mecanismo de controle sobre as adolescentes.

Ao ensinar às adolescentes como viverem suas sexualidades, a seção *Sexo*, bem como a revista *CAPRICHÔ*, institui às suas leitoras identidades e sexualidades “caprichadas”. Ao demarcar um público específico, esta revista admite a existência de apenas um tipo de adolescente, de um único modo de ser, viver e sentir a adolescência e a sexualidade.

Nossas vidas comuns, apanhadas e transformadas pelos discursos da mídia, têm neles uma forma de existir, que é ao mesmo tempo pauta para nosso cotidiano, fonte de saberes múltiplos e objeto de poder. O trabalho de debruçar-se sobre esses textos nos é árduo, mais ainda talvez pela dificuldade de separar-nos de nós mesmos, de aceitar o descaminho – essa linha feiticeira – em que enveredamos, porque nos damos a conhecer em nosso presente. (FISCHER, 1996, p. 57).

Bibliografia

ABRIL, Editora. Disponível em: http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php. Acesso em: 9 de junho de 2009.

CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CAPRICHÔ, Revista. Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/>. Acesso em: 11 de abril de 2009.

FABRIS, Eli Henn. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de subjetividade na cultura contemporânea. In NESPE, Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. *Educação, subjetividade e poder*. Ijuí: Unijuí, 1996.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. e RABINOW, Paul. *Michel Foucault - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____, Michel. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 18ª edição. São Paulo: Grall, 2007.



_____, Michel. *Microfísica do Poder*. 26ª edição. São Paulo: Grall, 2008.

_____, Michel. *A ordem do discurso*. 18ª edição. São Paulo: Loyola, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: ____ (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MILANEZ, Nilton. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo*. 2006. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.